7
Abril
1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE

N.º 894

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 43 — LISBOA
Numero avulso, 1$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS
PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HESPANHA: Trimestre *13$00*. Semest. *26$00* Ano *52$00* — COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre *28$50*. Ano *57$00*. — ESTRANGEIRO: Semestre *36$00*. Ano *72$00*.

As pessoas que visitam Londres encontram no Hotel Cecil justamente o que esperam encontrar de um dos hoteis de maior fama do mundo: Todos os confortos e cosinha esmerada. Serviço feito sem ruida e sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente situado exactamente no centro de Londres, frente ao rio Tamisa, bem colocado, por consequencia, quer para tratar de negocios quer para divertimentos. Tem grandes salões de jantar, *grill rooms*, salões aparentemente completos emfim, todas as comodidades previstas e necessarias em um hotel moderno.

HOTEL CECIL

LONDON

BEBAM AGUA DE S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Secção Editorial de "O Seculo,,

Enciclopedia Popular Ilustrada **Porque, como e para que**

Colecção de romances ilustrados

Pedidos á administração de O SECULO

A' venda nos logares do costume

Escrituração E contabilidade

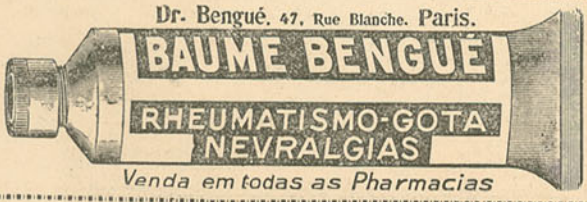
Por Correspondência

Peçam os prospectos do **Instituto Nacional de Ensino por Correspondência**, Largo Trindade Coelho, 6, Lisboa, e as condições para a matricula nos cursos nêle professados.

— **Êste Instituto tem alunos em todo o continente, Ilhas, Colonias, Brazil, Estados Unidos da America, e outros paizes.**

Para o louçador USE O "Restaurador do Cabelo Trevo,, de resultados garantidos. — Pedidos ao Suplemento de MODAS E BORDADOS DO «SECULO»

Dr. Bengué. 47, Rue Blanche. Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Corôas
Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na
Camelia Branca
Lº D'ABEGOARIA, 50 (ao Chiado) - Telef. 3270

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS — *Fazem-se nas oficinas da* "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA" Rua do Seculo, 43 — LISBOA

TODOS OS "SPORTS"

Nenhaus János, o magnifico guarda-redes da III Besirk T. V. E.

O guarda-rede hungaro desembaraçando-se da bola depois de uma defesa superior

JÁ no nosso numero passado nos referimos ao *team* hungaro, que, a semana passada, jogou entre nós e elogiamos o Sporting Club de Portugal e o Sport Lisboa e Bemfica pelo seu ousado empreendimento.

Hoje podemos afirmar que a vinda do III Besirk T. V. E. a Lisboa foi magnifica para o *foot-ball* nacional. Alem do treino com jogadores estrangeiros, que é o melhor que os nossos homens podem fazer, proporcionou se ao publico da capital ocasião de admirar algumas fases de bom *association*.

Do *team* que nos visitou mais uma vez salientamos a energia e a sua excelente preparação atletica, mercê das quaes conseguiu jogar cinco desafios numa semana, dois dos quaes em dias seguidos. Ainda do jogo o III Besirk T. V. E. demonstrou possuir na sua linha bons elementos, como: o guarda-rede, que esteve colossal nas primeira e ultima tardes; o defesa esquerdo, jogador energico *shootando* bem com os dois pés; o meia defesa centro, muito bom na colocação; o avançado centro e o interior direito, que *dribblam* bem e têem optimos remates; e, finalmente, os pontas, que como já fizemos notar no nosso numero passado, não abandonam os seus logares, sempre sobre as linhas de *touch* e possuindo uma grande corrida.

Duma maneira geral, o III Besirk T. V. E. pareceu-nos um bom *team* com um excelente passe, mas um fraco remate.

No segundo desafio dos cinco que os hungaros jogaram, defrontaram se estes com o primeiro *team* do Sport Lisboa e Bemfica, na tarde de 27.

A muita chuva alagou o campo, sendo prejudicado o desafio por este facto. O grupo que mais se ressentiu do estado do terreno foi o portuguez, pois os hungaros, mais acostumados que nós a jogar com o campo enlameado e ao que nos pareceu com botas de *crampons*, equilibravam-se melhor, não caindo tantas vezes como os seus adversarios.

O desafio foi interessante, jogado com rapidez e magnificas fases, dominando o *team* hungaro, que jogou com a sua costumada correção.

Alguns dos jogadores do Sport Lisboa e Bemfica foram por vezes violentos.

Na primeira parte marcaram os portuguezes a sua unica bola, tendo os hungaros marcado a que lhes deu o empate no segundo *half-time*.

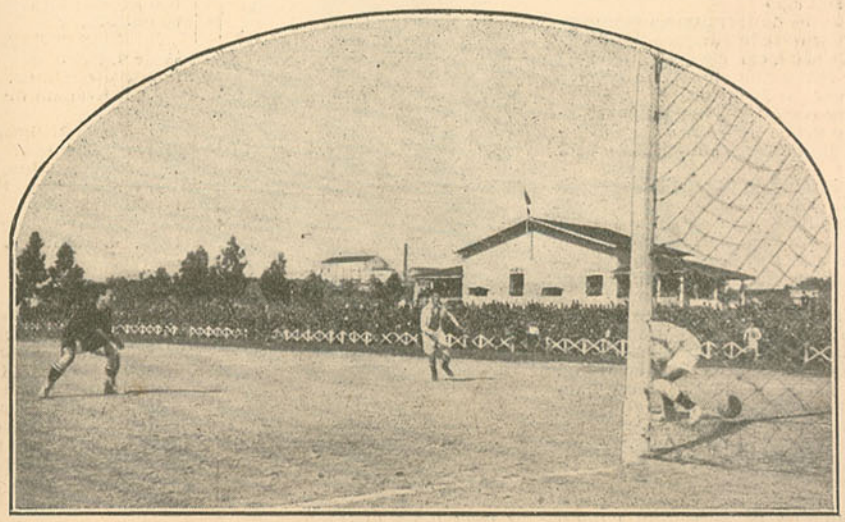
A arbitragem de Rosmaninho foi regular.

Na tarde de 29 conseguiu o Sporting Club de Portugal uma boa victoria sobre o III Besirk T. V. E.

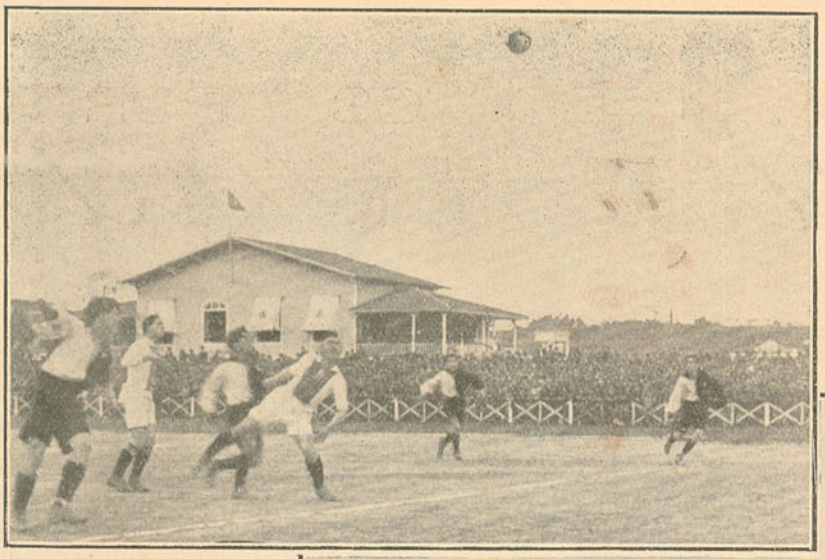
O desafio começou sob a arbitragem de Rogerio Peres, cabendo a bola de saida ao Sporting.

Na primeira parte do jogo, apenas o grupo hungaro marcou uma bola por intermedio do seu avançado centro. Logo no começo do segundo tempo, Francisco Stromp, com uma optima cabeça, colocou a bola dentro das redes adversarias, obtendo assim o primeiro *goal* a favor do seu *lu* . Uma das avançadas do III Besirk T. V. E. foi fortemente rematada pelo meia ponta direita, indo a bola bater num dos postes laterais, sem entrar nas redes portuguezas. Foi José Ferreira que obteve a segunda bola a favor do Sporting, aproveitando a marcação de um *penalty* contra os hungaros. Pouco depois o guarda rede hungaro defendeu bem uma bola, mas carregado, caiu, não podendo evitar que Ramos enfiasse a terceira bola a favor dos portuguezes.

O dominio do jogo per-



Guerra, goal-keeper do Casa Pia, em [illegible] o ma[illegible] uma das bolas, que deram a victoria ao team hungaro



Uma das fases do macht *com o Sporting*

tenceu ao III Besirk T. V. E. Os homens do Sporting Club de Portugal jogaram com acerto, trabalhando bem, havendo no entanto a registar por parte deles algumas violencias.

A arbitragem deficiente, havendo ainda duvidas sobre se a aplicação de uma grande penalidade ao *team* hungaro foi ou não justa.

No quarto desafio, jogado no passado dia 30, encontrou-se o III Besirk T. V. E. com o Sport Lisboa e Bemfica, para desempate do anterior encontro.

Alberto Rio, o arbitro escolhido, iniciou o *match*, cabendo a bola de saida ao Bemfica. Foi Ribeiro dos Reis que marcou o primeiro *goal* a favor dos portuguezes enfiando a bola por um dos cantos.

Numa das avançadas do Bemfica, um dos defesas contrarios parou a bola com a mão, o que deu origem á marcação dum pontapé livre, que Simões aproveitou para obter a sagunda bola a favor do seu *club*.

Pouco antes de terminar a primeira parte, o guarda-rede hungaro defendeu uma bola a sôco, carregando então Fernando de Jesus que marcou a terceira bola a favor do Bemfica.

Começou o segundo tempo, apresentando-se o grupo hungaro com um jogador suplente, que substituiu o *back* direito.

A 35 minutos de jogo, os hungaros marcaram um *penalty* contra o Bemfica conseguindo, então a sua primeira bola. Quasi no final da segunda parte, obtiveram a sua segunda e ultima bola, derivada da marcação dum pontapé livre.

O dominio do jogo pertenceu ao grupo hungaro que, no entretanto, jogou mal, falhando muitos remates.

O Bemfica jogou com entusiasmo na primeira parte, perdendo na segunda boas ocasiões de marcar.

A arbitragem foi deficiente.

O ultimo desafio que o III Besirk T. V. E. jogou entre nós, foi o que se realisou na tarde de 1, e em que o grupo hungaro se defrontou com o *team* mixto, composto por elementos do Sporting Club de Portugal, Sport Lisboa e Bemfica e Casa Pia Atletico Club.

Rebelo da Silva iniciou o jogo á hora marcada, cabendo a bola de saida ao grupo portuguez. Neste tempo conseguiram os hungaros marcar a sua primeira e unica bola por intermedio do seu meia ponta direita.

Filipe quiz estabelecer o empate por meio de um bom pontapé de recarga, que o guarda-rede hungaro defendeu superiormente.

Começada a segunda parte, registou-se uma defesa com o pé de Francisco Vieira, não obstante ter tempo de sobejo para agarrar a bola e desembaraçar-se dela.

Jaime Gonçalves ainda tentou furar as redes adversarias com um pontapé que o guarda-rede hungaro defendeu bem, não obstante ser carregado. Ainda se registou outra defesa do *keeper* hungaro, terminando em seguida o desafio.

O dominio do jogo mais uma vez pertenceu aos hungaros, que tambem um grande numero de vezes falharam remates.

Na linha portugueza notou-se a falta de ligação que em geral se observa nos *teams* mixtos.

A arbitragem de Rebelo da Silva foi boa.

O *team* portuguez apresentou-se assim constituido: Francisco Vieira, guarda-rede; José Ferreira e Jorge Vieira, defesas; Fernando de Jesus, Filipe e Leandro, meias-defesas; Gralha, Jaime Gonçalves, Ribeiro dos Reis, Loureiro e Almeida, avançados.

Resumindo, os resultados obtidos nos desafios com os hungaros foram: 2 victorias (Sporting por 3-1 e Bemfica por 3-2), 1 empate (com o Bemfica por 1-1), e duas derrotas (Casa Pia por 3-0 e *team* mixto por 1-0).

Estes desafios mais uma vez mostraram que os nossos *foot-ballers*, quando treinados, e tendo como dirigentes pessoas criteriosas, podem defrontar-se com bem organisados *teams* estrangeiros obtendo bons resultados.

D. C.

O Sporting atacando as redes hungaras

O meia ponta direita hungaro, o melhor dos elementos de ataque da sua linha

DÔR

9-10-1918 — 10-2-1919

Contar todo este horrôr, o que te importa?
Dizer-te quanto sofro, para quê?
Acaso o teu olhar no meu não lê
Que a minha alma esta mágoa nem comporta?

Nunca mais reverdece a fôlha morta!
Assim, quem tudo perde em nada crê.
Mas é tão grande o mal que não se vê,
E a dôr que a propria dôr já não suporta!

E que amargura ir feita, vida fóra,
Sombra errante que morre a toda a hora,
Espírito alheado, triste, absorto...

Quando inda brilha o sol da mocidade,
Vivêr só do perfume da saudade
Tendo no peito o coração já morto!

Vejo, com as pupilas arrasadas
Pelo pranto em que a dôr é convertida,
Estas datas que são a minha vida
E que em minha alma, a fôgo estão gravadas.

Das horas de ventura já passadas,
A primeira é saudade estremecida!
De um dia, que foi noite dolorida!
Lembra-me a outra as horas malfadadas.

E quem as vê, ó meu amor, não pensa
Que em tão pequena coisa se condensa
Tudo que as nossas almas já sonharam...

E como punge tanto, que amargura!
Vêr que, de tanto sonho de ventura,
Apenas duas datas me ficaram!

Beatriz Machado de FREITAS BEIRÃO

(De um livro inédito.)

Kalendorario Universal

É um interessante e engenhoso dispositivo organisado pelo ilustre Oficial do Exercito, tenente coronel Velho da Palma, professor da Escola Militar, o qual serve para achar rapidamente: 1) o dia da semana de qualquer ano desde 1.600 até 2.000; 2) o ano, o mez e a data actuaes; 3) a hora; 4) a longitude e 5) a latitude de qualquer ponto do globo.

São conhecidos alguns dispositivos, uns que indicam as datas, outros a hora, mas o sr. tenente coronel Velho da Palma, modificando uns e alterando outros, conseguiu reunir num unico os elementos não só para se obter o conhecimento dos dias e horas, como tambem para se acharem as longitudes e latitudes.

Consta o referido dispositivo de uma tabela onde estão dispostos horisontalmente pela sua ordem numerica os anos; por baixo dela, numa corôa circular interior, estão os numeros indicadores das horas desde o meio dia até á meia noite e desta até ao meio dia.

Tenente coronel Velho da Palma

Um disco movel concentrico com aquelas corôas circulares contem outras duas corôas circulares; na exterior estão inscritas por sua ordem, em pequenos triangulos, as letras do alfabeto, terminando por um triangulo preto e na interior estão indicados todos os dias da semana. A parte restante desse disco encontra-se dividida em sectores, onde estão dispostas as datas do mez, desde 1 a 31. Fazendo girar este disco e com auxilio de uma pequena lista de todos os paizes, junta ao dispositivo, obtem-se todas as informações referidas e por uma fórma tão simples que o kalendorario pode facilmente ser usado por qualquer pessoa que apenas saiba ler.

Nenhum outro dispositivo se conhece que forneça esta variedade de conhecimentos, constituindo este, pelas suas propriedades pedagogicas, um valioso auxiliar nas escolas, para o estudo da geografia, ao mesmo tempo que é, no seio das familias, um passatempo grandemente instrutivo, e se torna indispensavel em todos os escritorios comerciaes, repartições, estabelecimentos, fabricas, a bordo dos navios, etc., etc.

O kalendorario, que o seu autor dedicou aos nossos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, insere duas explendidas fotogravuras dos mesmos, tornando-se assim a melhor e mais util recordação do grande feito da travessia area do Atlantico Sul, que veiu adicionar mais uma brilhante pagina á historia patria

1900	1901	1902	1903	—	1904	1905
1906	1907	—	1908	1909	1910	1911
—	1912	1913	1914	1915	—	1916
1917	1918	1919	—	1920	1921	1922
1923	—	1924	1925	1926	1927	—
1928	1929	1930	1931	—	1932	1933
1934	1935	—	1936	1937	1938	1939
—	1940	1941	1942	1943	—	1944
1945	1946	1947	—	1948	1949	1950
1951	—	1952	1953	1954	1955	—
1956	1957	1958	1959	—	1960	1961
1962	1963	—	1964	1965	1966	1967
—	1968	1969	1970	1971	—	1972
1973	1974	1975	—	1976	1977	1978
1979	—	1980	1981	1982	1983	—
1984	1985	1986	1987	—	1988	1989
1990	1991	—	1992	1993	1994	1995
—	1996	1997	1998	1999	—	—

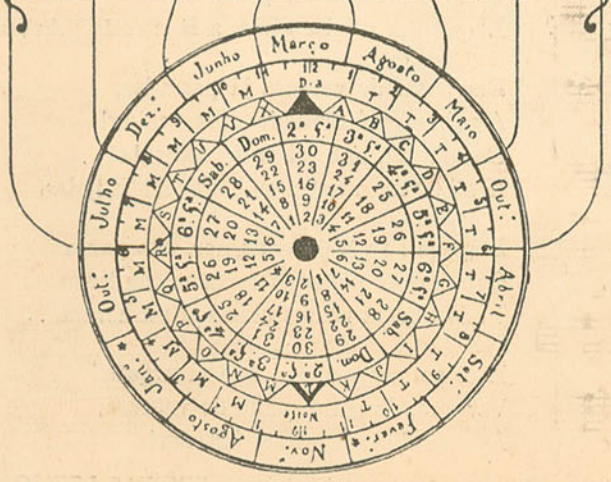


Tabella e corôa circular do Kalendorario

Passo Dobrado

(Op. 916)

ANTONIO LOPES

(Homenagem ao apreciado cavaleiro tauromaquico)

João P. Mineiro

mf

mp

p

mf

f

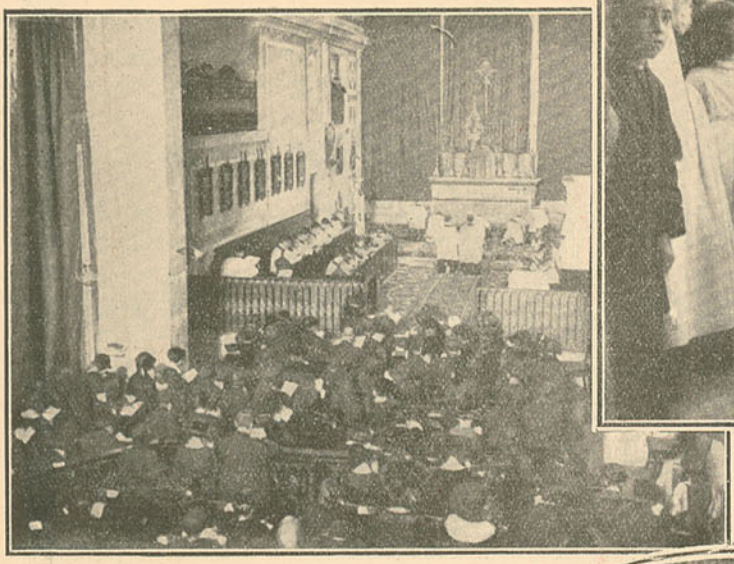
p

f

Ped.

D.C

Semana Santa



A assistencia á ceremonia da Aleluia, na egreja dos Inglesinhos

O reverendo prior dos Anjos lançando a benção sobre 18 creanças de 8 a 14 annos que foram baptisadas na parochia daquelle a frequezia, no sabado de Aleluia

O sr. coronel Alfredo d'Albuquerque procedendo á distribuição de obulos a 500 creancinhas pobres, realisada, no sabado, 31 de março, no salão nobre da Liga Naval, por iniciativa da colaboradora do Correio da Manhã que se assina Meriam. A referida distribuição serviu de pretexto a uma matinée elegante, que esteve muito concorrida, na qual tomaram parte alguns dos principaes artistas dos nossos teatros

Algumas das creanças a quem foi distribuido, no domingo de Paschoa, na egreja da Conceição Nova, apoz as solemnidades religiosas do dia, um lanche, oferecido por uma commissão de parochianos. Alem desse lanche, em que tomaram parte 200 creanças, a mesma commissão proporcionou melhoria do jantar aos 22 albergados do Hospital da Victoria, annexo áquela egreja

(Clichés Salgado.)

O SÉTIMO DEGRAU

QUANDO, em 1907, Jorge Andouin alugou para seu negocio de chapeus, a casa n.º 47 da rua Geoffrey, pouco lhe interessou o saber que o predio era uma reliquia arquitectonica do seculo XVI. Apreciou a porta monumental, sómente por que oferecia uma entrada comoda ás carroças que deviam trazer ou levar a sua mercadoria e, a escada, imponente, porque facilitava o movimento dos caixotes. Mas o sr. Desmarest, proprietario e vendedor, empenhou-se em relatar-lhe o passado historico do predio. Gabriela d'Estrés morara ali, e para vê-la, muitas vezes o rei Henrique IV subira aquela escada. Mais tarde, um tal João Paulo, que se assinava Senhor de Maintenont, adquirira a casa e alugára-a ao abade de La Bletterie,

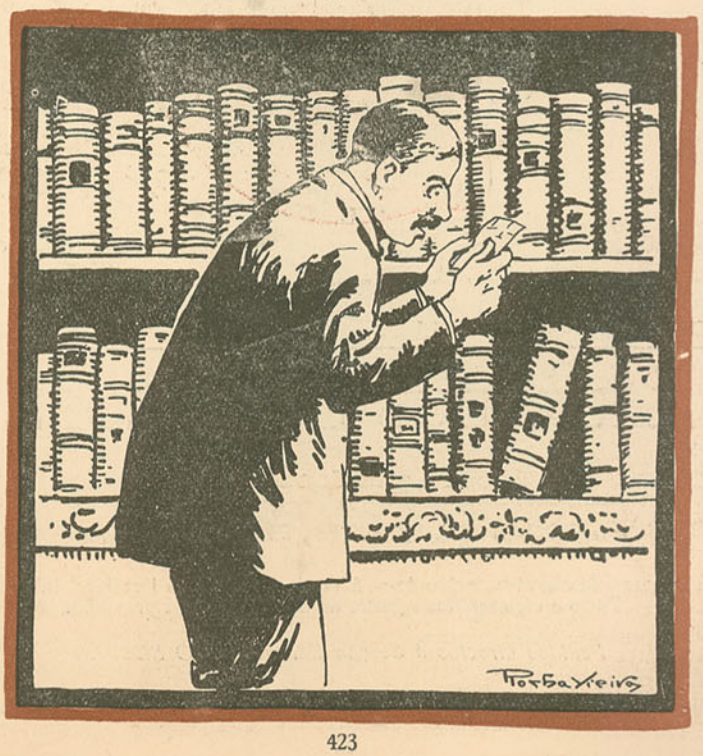
Andouin ouviu distraídamente essas «historias», muito mais interessado pelas instalações modernas, que pretendia fazer ali. Só depois de muitos dias, quando a freguezia, já habituada á casa nova, começou a acudir regularmente, lhe sobrou tempo e ele se lembrou de passar uma inspecção completa no predio, que ainda não conhecia todo. Por exemplo: nunca examinára uma especie de mansarda do 3.º andar, cuja unica parede inteiriça estava coberta com uma estante imponente, cheia de livros encadernados, mas de aspecto muito antigo.

O chapeleiro abriu muito os olhos. Livros assim tão antigos deviam ter valor e era até extranho que o antigo proprietario não os houvesse retirado nem consignado o seu preço no contracto de venda. Aproximou-se para examina los e tirou da estante um, ao acaso. Soprou o pó que o cobria. Era uma «Anatomia do Corpo Humano», editada em Paris em 1684.

Antegozando o lucro que poderia tirar de tais preciosidades, começou a inventariar toda a biblioteca, tomando nota das datas das edições. Do terceiro volume que abriu, viu cair um papel muito amarelo e dobrado em quatro. Apanhou-o e desdobrou-o. Em tinta muito palida, com letra alta, porém tremula, estava ali escrito o seguinte:

O segredo está por traz dos livros santos. Para vencer o inimigo, que nele se oculta, invocarás N. S. e voltarás para o inferno a face de Satan. Então a luz surgirá nas trevas; mas, se prezas a vida, desconfia dos algarismos VII e XLV.

Andouin ficou por algum tempo imovel, procurando compreender a significação desse singular escrito. Depois, entrou a observar os demais livros á procura daqueles que poderiam ser considerados santos. Encontrou uma «Biblia», uma «Vida dos Santos», lado a lado e notou, por cima desses pesados volumes, na madeira esculpida na estante, um ornato que representava uma especie de careta, com pequenos chifres pontudos. Retirando os dois livros santos, viu que, sob aquela cabeça diabolica esculpida na madeira, havia cinco pequenas molas de aço, perfeitamente redondas, cada uma das quais marcada com uma letra. Embora o tempo tivesse oxidado o mecanismo, o negociante notou que essas molas cediam sob os seus dedos, e, depois de tentar em vão, algumas combinações com as cinco letras, voltou a reler o manuscrito e a indicação «invocarás N. S.», sugeriu-lhe o nome de Jesus. As letras das molas formavam exactamente esse nome. Moveu-as nessa ordem e, apenas calcou o S, ouviu um estalido forte, que lhe provou ter acertado com o segredo. Apressou-se, então, a puxar a esculturada cabeça satanica, voltando-a para o «inferno», isto é, para o solo.



Imediatamente o soalho estremeceu com um ruido surdo e, ao esforço de um

mecanismo poderoso, que a ferrugem não lograra paralisar, todo um lado da biblioteca se moveu sobre um eixo invisivel, descobrindo na parede uma abertura, especie de ogiva estreita e escura. Andouin, emocionado e cheio de curiosidade, curvou-se cautelosamente e viu que daquela porta secreta partia um escada de caracol. Ao mesmo tempo um cheiro mefitico, caracteristico dos subterraneos, por muito tempo fechados, chegou-lhe ao nariz.

Era impossivel resistir a uma tentação daquelas! Que conteria esse esconderijo, de certo muito antigo? O negociante foi buscar uma lampada electrica e, sem nada dizer aos empregados, voltou á mansarda. Os degraus eram de pedra e pareciam bastante solidos. Começou a descer cautelosamente, contando-os. Contára já 45 quando bateu com a testa numa arcada muito baixa e o choque foi tão violento que caiu de costas e rolou, assim, os degráus que restavam. Mas, em pouco, recobrou os sentidos e viu-se diante de uma caverna ampla e solidamente abobadada, com uma porta massiça, aberta de par em par. Ao longo das paredes dessa adega, alinhanhavam-se barricas de varios tamanhos, todas de pé e cobertas com taboas.

Andouin avançou com prudencia, mas tropeçou num ligeiro obstaculo, que lhe pareceu um monte de farrapos. E, a um movimento que fez com o pé, uma caveira rolou sem rumor pelo lagedo. Vencido o primeiro movimento de horror e susto, curvou-se e verificou que estava ali um esqueleto completo e os farrapos, que ainda o envolviam, denunciavam «pessoa de qualidade», como se dizia antigamente. O homem, que ali ficára, estava vestido com luxo e elegancia, tendo, ainda, junto de si uma espada com punho de ouro.

A antiguidade evidente daqueles despojos atenuaram muito as impressões de piedade no coração de Andouin, que prosseguiu as suas investigações, passando a examinar as barricas. Descobriu a primeira, projectou sobre ela o facho de luz da lampada e recuou deslumbrado. Estava cheia de luizes antigos com a efigie do vencedor de Namur e do «Bem-Amado».

A segunda barrica, a terceira, a quarta, todas continham a mesma preciosidade. E eram dezenove! Havia ali moedas de todos os paizes e de varias épocas: ducados de Veneza, florins marcados com um lirio e com um carneiro, «carolus» de Inglaterra e das Flandres, dobrões de Espanha e escudos e duplos-luizes com a efigie dos Bourbons.

Andouin, diante de tamanha riqueza, teve um acesso de alegria delirante. Esqueceu o mundo exterior, o esqueleto caído á entrada da adega e ergueu punhados daquele ouro antigo para ouvil-o tilintar, caindo no solo.

Mas, de subito, levantou-se. Lembrara-se de que alguns dos seus empregados poderia tel-o procurado, poderia ter ido até á mansarda e descoberto a existencia do tesouro.

A ideia de que outro podia conhecer aquele segredo magnifico alucinou-o e precipitou-se para a escada. Porém, quando poz o pé sobre o setimo degrau, ouviu um estalido seco e adivinhou que a porta secreta, em cima, se fechara de novo.

Então, sómente, compreendeu o sentido da ultima linha do manuscrito: «se prezas a tua vida, desconfia dos algarismos VII e XLV».

(De Jacques CONSTANT.)

Enciclopedia «Porque, Como e Para que»

"OS SEGREDOS DA ATMOSFERA,,

pelo professor Amorim Ferreira

PREÇO AVULSO, 50 centavos

Acaba de ser publicado, achando-se á venda em todas as livrarias, tabacarias, etc., de Lisboa e Porto e em casa dos agentes de O SECULO, na provincia

Pedidos directos á Secção Editorial de O SECULO

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Ilustração Portugueza

2.ª SÉRIE 7 — ABRIL — 1923 N.º 894

SANTOS DUMONT DE PASSAGEM POR LISBOA

O ilustre aviador brasileiro Santos Dumont tendo passado pelo nosso porto, no dia 29 do mez findo, a bordo do paquete *Massilia*, foi alvo de varias manifestações de simpatia, figurando, entre as inumeras pessoas que lhe apresentaram cumprimentos, os heroicos aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral que, com o seu colega brasileiro, se vêem na interessante fotografia que publicamos.

(Cliché Salgado)

A MOEDA DE OIRO PORTUGUÊSA

Modelo, do escultor João da Silva, que vai ser cunhado na Casa da Moeda, entrando, em seguida em circulação

SORRISOS DE ANJOS

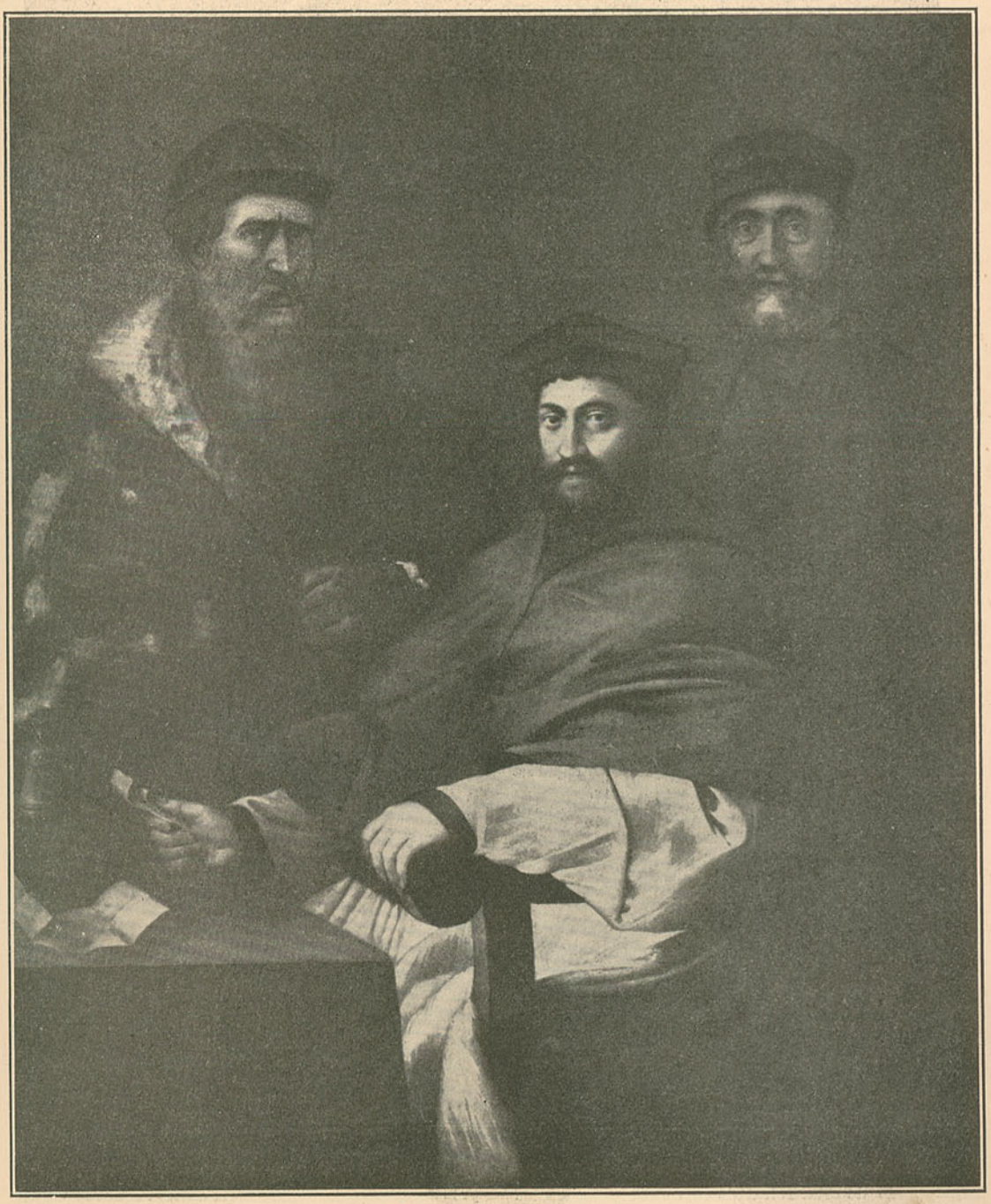
Laura, filha da sr.ª D. Eduarda da Piedade dos Santos e do sr. Jo é Moreira, residentes em S. Paulo, Brasil

Antonio Luiz Bel) Redondo d'Oliveira, que completará 2 anos em 22 do corrente

Cecilia, filha da sr.ª D. Ester Pires Magalhães e do sr Luiz Pires, residentes em S. Paulo, Brasil

Retrato do Cardeal-Rei D. Henrique

Um quadro de Ticiano



AINDA que os mortos vão depressa, não está apagada de todo a memoria do distinto coleccionador e cultor esmerado das artes que foi o Marquez da Foz, nem a sua proverbial solercia, mercê da qual transformou o seu esplendido palacio da Avenida n'um opulento museu de raridades.

Foi ele quem descobriu em poder do antiquario Pereira Merelo este precioso retrato do Cardeal Rei

D. Henrique, de cuja alta valia logo a sua vasta cultura artistica se apercebeu.

D'onde viera o opulento quadro?

Da quinta dos marquezes de Alorna, em Almeirim, confinante com o Paço Real, que tantos anos ali existiu.

Um outro coleccionador e paciente investigador, o Abade Castro, que deixou á sua familia notavel cotecção de quadros valiosos, e que se dedicava a investigações demoradas, até de coisas futeis, descobriu que este quadro do Cardeal Rei figurara nos inventarios da Casa d'Alorna como sendo de Ticiano, e pôz tanto empenho em o adquirir que oferecera ao pae de Merelo um predio que possuia aos Loios.

O perpassar dos tempos não poupou com as suas inclemencias a esplendida obra de arte; a madeira em que estava a pintura, apesar de ser cedro excelente, fôra carcomida e muito danificada.

Logo que o Marquez entrou na posse do retrato, levou-o para Paris, confiou-o á competencia do habil restaurador José Spiridon, que, ao cabo de seis anos de delicado e aturado trabalho, o passou da deteriorada madeira para tela, apesar das grandes dimensões—um metro de alto por outro de largo— e com tal exito que conseguiu não perder o quadro o seu primitivo aspecto.

E' sumamente interessante o painel. A meio, imponente, ostentando as vestes purpureas, o Cardeal, coberto com o respectivo barrete, cabelo e barba d'um castanho louro, senta-se n'uma magestosa cadeira da epoca, tendo em frente a mesa coberta de veludo verde, apoiando a mão direita n'um masso de papeis, emquanto a esquerda repousa sobre o braço da cadeira. Na mesa veem-se livros e a tradicional campainha de prata ornamentada, em cujo rebordo se descobre o monograma de Ticiano e a data 1545.

Ladeando o Cardeal, dois grandes Senhores, ostentando os trajos do Patriciado. Quem são? Baltasar de Faria e Simão da Veiga, que por aquele tempo se encontravam em Roma, no desempenho de complicadas missões diplomaticas, entre as quaes o estabelecimento da Inquisição, a que se opunha obstinada e tenazmente a Santa Sé, a nomeação de D. Henrique como legado e outros, que seria longo e descabido enumerar.

Ambos estes eram pessoas sobremaneira adictas ao Cardeal, e tanto que Bartolomeu de Faria protegera a sua candidatura ao Solio Pontificio. Justificada está a presença dos dois notaveis diplomatas junto do Purpurado Principe.

Na Torre do Tombo existe uma carta de Bartolomeu de Faria, de 11 de Novembro de 1545, participando ter sido hospede da familia Farnése para lhe dar os parabens da parte de Sua Alteza pelo batisado d'um dos sobrinhos bisnetos do Papa. Ora foi a instancias do Cardeal Farnese que Ticiano veio a Roma para pintar o retrato do Papa Paulo III.

Mas vamos ao quadro de que nos ocupamos.

Conta-nos Frei Luiz de Sousa, no livro VI da Historia de S. Domingos, que o Cardeal Rei protegeu munificentemente o Convento de Nossa Senhora da Serra, de Almeirim, da Ordem Dominicana, e que, não se contentando de estar retratado com o seu pai e irmãos no retabolo da capela-mór, se mandou retratar, deante do Crucifixo, onde se via de joelhos e bem ao natural.

Fica-se sabendo que em Almeirim, no Convento, existiam n'aquela epoca retratos das pessoas reaes e do Cardeal, o que certamente aconteceria no Paço, perto do mesmo.

Era costume d'então os grandes magnates encomendarem os seus retratos aos grandes pintores italianos, bem como os quadros que ofereciam aos templos, e que conservavam em seus palacios.

Por outro lado sabe-se que, movido pelas instancias do Cardeal Farnese, Ticiano veio, em 1545, para Roma. Adolphe Siret, no *Dictionnaire historique des peintres de toutes les ecoles*, (1874) a pag. 964 diz: «Ticiano, em 1545, cedeu ás instancias d Paulo III, interpostas pelo Cardeal Farnese, foi para Roma trabalhar para o Papa e para os Fárnese».

1545 é a data que está na campainha; é o ano em que Bartolomeu de Faria esteve com os Farnese, e é aquele em que o Ticiano trabalhou na cidade Papal.

Ticiano foi o pintor valido do imperador Carlos V, primo e cunhado do Cardeal Rei, o que justifica o desejo do pintor, querendo ser agradavel a um parente proximo do seu dedicado e valioso protector, personagem de situação tão elevada no Sacro Colegio Cardinalicio.

O estudo atento da notavel pintura arreiga o convencimento da sua origem ticianesca.

E' uma maravilha de tecnica e colorido, manifestamente da Escola Romana, segundo o parecer dos mais proficientes criticos de arte que em Portugal e no estrangeiro tem analisado o quadro.

A comparação d'este notavel trabalho com o celebre retrato do Papa Paulo III, de Ticiano, existente no museu de Napoles, acusa flagrantes semelhanças. E' a mesma cadeira, identica a posição, e igual a mão esquerda.

Os outros dois personagens são um outro documento valioso de autenticação do quadro.

Os diplomatas citados e amigos do Cardeal Rei, ali estiveram ao tempo mencionado, e conviveram com os grandes pintores d'então. Ha uma carta de Bartolomeu de Faria para Simão da Veiga, que estava então em Napoles, datada de 31 d'Outubro de 1545, que se refere a uma encomenda feita a «Michael Angelo sobre uma Nossa Senhora da Misericordia», aludindo a paga pecuniaria, o que confirma as relações com os notaveis artistas contemporaneos, e mostra que lhes incumbiam trabalhos para Portugal. Para mais, os retratos d'estes dois personagens acusam por sua vez os traços peculiares de Ticiano, a sua modalidade, a tecnica propria e a sua coloração.

A pelissa que ostenta Simão da Veiga é a reprodução do retrato de Isabel de Erte; Bartolomeu de Faria semelha-se a Jacopo di Iliada, ambos exístentes em Viena.

Postos estes dados, as conclusões fluem logicamente.

Portugal conserva no seu patrimonio artistico esta joia do imortal Ticiano Veceli por muitos desconhecida e que o seu proprietario, o sr. Conde da Foz, guarda com todo o carinho e cuidado, conservando-a como uma reliquia legada por seu esclarecido pae, e que S. Ex.ª preza e aprecia com a sua vasta cultura sobre assuntos be arte, em que é perito.

S. F.

As Côrtes de 1820

O SECRETARIO FELGUEIRAS

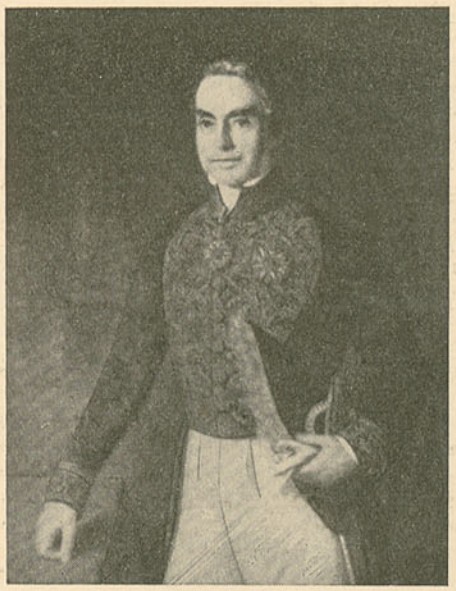
DOS homens que o movimento vintista trouxe ao tablado da politica alguns ha que lograram apenas alcançar para a posteridade uma nomeada tenue, apesar das importantes funcções de que foram investidos. Neste caso se encontra o secretario das constituintes de 1820, João Baptista Felgueiras. Só incidentalmente o seu nome tem sido mencionado, mais para corresponder á verdade historica dos factos, que, propriamente, para realçar a sua personalidade.

Já Pinheiro Chagas notára que a sua biografia fosse quasi ignorada e, esforçando-se por obter dados, prestou-lhe no *Dicionario Popular* a homenagem devida, mas essa noticia não é isenta de insuficiencias e até mesmo de incorreções.

No momento em que uma centena de anos se completou sobre o congresso que reuniu em 1821, do qual J. B. Felgueiras foi uma proeminente figura, é justo arranca-lo da penunbra para a luz onde o grande publico o possa vêr.

De par, patentear-se-ha o seu aspecto fisionomico e a sua estrutura moral. Será pois completo o quadro, para o qual contribuiu, amistosamente, com elementos preciosos, o seu unico filho vivo, já de veneranda idade, o sr. dr. Francisco Pedro Felgueiras, residente no Porto.

João Baptista Felgueiras nasceu em Guimarães, na Quinta de Cedofeita, a Santa Cruz, freguezia de N. S. da Oliveira, aos 6 de Abril de 1787, sendo seus paes o desembargador Manuel José Baptista Felgueiras e D. Rita Clara Candida da Silva, ambos do concelho de Guimarães. Tendo-se bacharelado em direito na Universidade, aos 23 anos era nomeado Juiz de Fóra de Celorico da Beira. Espirito progressivo e liberal, dez anos depois o movimento revolucionario de 1820 lançava-o abertamente na vida politica. De pronto grangeou uma situação de destaque. Eleito deputado pelo Minho, logo na sessão preparatoria das côrtes, realisada em 24 de Janeiro de 1821 era escolhido para secretario. E fôra-o por aclamação.



João Baptista Felgueiras

Instalado o congresso e resolvido haver quatro secretarios, a eleição dava-lhe ainda a primasia. Tal confiança basta para comprovar as qualidades que distinguiam esse mancebo de 33 anos. E não houveram os deputados de se arrepender pois com notavel proficiencia ocupou o seu logar.

«Celebre secretario» o qualifica, com justiça, Pinheiro Chagas. Para a sua celebridade contribuiu tambem um nadinha, no acto do juramento em côrtes, o rei que a revolução fizera constitucional. O caso é assim referido pelo dr. Silva Gaio, no romance historico *Mario:*

D. João VI aceitava tudo!
Tinha entrado com ele a terrivel ideia de que padia ser um segundo Luiz XVI. Ao entrar na sala das côrtes, tremia tanto, que lhe foi mister encostar-se a João Baptista Felgueiras para não cair.

Porém as vicissitudes politicas breve o apoquentaram. A petulante restauração dos «inauferiveis direitos» em 1823, arremessava-o para longe de Lisboa. E' mandado seguir para Guimarães «donde não sairá (diz o passaporte dado em 10 de Junho) sem expressa ordem de S. M. devendo apresentar-se ao dr. Juiz de Fóra de aquela vila, o qual dará logo conta a esta Intendencia do dia e horas da referida apresentação». Nesse documento se acham averbados os seus sinaes caracteristicos: estatura baixa, cara redonda, olhos azues, cabelo castanho escuro, sobrolhos pretos... Ainda em 1823 foi corregedor de Leiria e conservador dos pinhaes. Em fins de 1826 passava a Viana do Castelo.

Aqui se pode bem aquilatar o caracter e a tempera do integerrimo magistrado, numa época atrabiliaria de ferozes paixões politicas. Traslade-se para o efeito o que o ilustre escritor José Caldas menciona na sua *Historia de um fogo morto:*

A' suplica da camara ajunta-se no mesmo sentido uma representação do corregedor da comarca, o honrado João Baptista Felgueiras, a cujo alto espirito de justiça os afrontados recorrem no extremo que lhes é creado pela excepcionalidade das circunstancias. Felgueiras, prestes a emigrar para Inglaterra, consegue fazer-se ainda assim respeitar, imprimindo ás devassas, que por esse tempo se iniciam, um relativo caracter de honestidade. No entanto é gravissimo o risco que corre. Os exaltados odeiam-no, e como não podem medir-se com ele, pela firmesa com que o ilustre magistrado sustenta os direitos e a justiça dos oprimidos, vingam-se em Guimarães, lançando fogo ao seu palacio das Hortas, nas vertentes do monte da Costa.

Em nota ao texto lê-se ainda:

Achava-se um dia em Viana o dr. João Baptista Felgueiras, inquirindo umas testemunhas num processo politico. Depunha um exaltado realista, um dos amnistiados de 1828, preso pouco antes por ladrão. Acusando os liberaes, dava-se a grandes brados, como vitima das preseguições de 1822, ás quaes confessava dever a sua ultima prisão. Firme, sereno, inabalavel, João Baptista Felgueiras ordenando ao escrivão que não continuasse a tomar o depoimento daquela testemunha, diz para o ardente legitimista: «o senhor sabe por que esteve preso?» O exaltado acusador emudeceu. O corregedor fê-lo sair imediatamente do tribunal.

Passava-se isto depois de 1828. E então os ultrages e perseguições atormentavam os liberaes. Avisado certo dia de que pretendiam prende-lo, ainda corregedor em Viana, ele e o dr. João de Melo, juiz de paz, tambem apontado, conseguem escapar, ocultos sob lenha e carqueja, em casa dum padeiro. Sob disfarce, Felgueiras alcançou o Porto e refugia-se em casa de João Antonio de Freitas Pimenta, na travessa da Trindade, 37, onde passa o cêrco.

Assim evitou a prisão e talvez a morte.

Na *Lista dos Ausentes*, citados por cartas de editos, vem indicado o seu nome, sendo a data da citação de 4 de Fevereiro de 1831.

Para o triunfo da liberdade não se poupou a esforços. Vencida a causa, em 1833 era nomeado procurador geral da corôa; depois agraciado; mais tarde, conselheiro do supremo tribunal de justiça e oficial mór honorario da casa real. Em 1842 o Minho elegia-o deputado; eleição indirecta, numa totalidade de 102 eleitores obtinha 99 votos.

A pasta de ministro que recusára em 1839, aceitava-a por solicitações reiteradas em 1842 e, contra o costume, a nomeação era-lhe mesmo participada pessoalmente pelo rei; mas, pondunoroso e fiel á norma traçada, não se tendo proporcionado depois a situação bem em harmonia com a sua consciencia, recusou-se a fazer parte do ministerio. A rainha não se conformava com essa resolução e instava para que ficasse. Alguem, aparte, lhe disse:

— Senhora, o Felgueiras entrou puro; deixai-o V. M. sair sem mancha.

Tempos de principios e de isenção!

Em 1847, quando da formidavel insurreição popular, D. Maria II apelava de novo para J. B. Felgueiras, não conseguindo demove-lo mesmo ao cabo de tres horas de cerrada argumentação.

Nuns apontamentos que deixou e se acham publicados em *O Comercio de Guimarães* (1902) encontram-se desenvolvidos estes episodios politicos.

João Baptista Felgueiras faleceu aos 13 de Março de 1848, em Lisboa, quando se dirigia para sua casa na rua do Passadiço, 14, vitimado por uma apoplexia que o surpreendeu na então rua Larga.

Seis filhos menores, o mais velho com 12 anos, ficavam na orfondade.

Falemos do retrato.

Foi o seu amigo e compadre Nicolau Arrochela (depois conde) que o encomendou a Roquemont em 1844. Temos á vista as cartas que a ele se referem; uma do pintor a Arrochela declarando estar «pronto a empreender o retrato do cons. Felgueiras prestando-se ele a isso», outra de solicitação ao retratado, onde Arrochela diz: «favor que me não deixarás de fazer, apesar que muito bem antevejo o sacrificio que ele demanda».

E' um retrato, pois, feito do vivo, em tamanho natural. Na especialidade, Roquemont era mestre. Citando-o, Raczynski refere: *il a fait en ce pays* (Portugal) *d'excellents portraits*».

Este é um deles. Trabalho pujante, onde a linha fidalga do retratado esplende magnificamente. Não está assinado. Ao valor da obra acresce o inéditismo. A téla jámais saiu da intimidade familial, depois que, desfeito o palacete Arrochela, foi cedida ao dr. Francisco Pedro, seu filho, como joia inestimavel. Isso não obstou a que surgisse ultimamente um outro, talvez muito decorativo mas muitissimo imaginativo...

J. B. Felgueiras foi uma notavel figura do seu tempo. Da particular amisade de José da Silva Carvalho, Joaquim Antonio de Aguiar e Agostinho José Freire, tinha tambem a estima da côrte; D. Fernando, mais de uma vez, e sem que estivesse doente, o visitou em sua casa.

Os vinaranenses queriam-lhe muito. E com razão. A sua influencia valeu para que a colegiada de N. S. da Oliveira não fosse atingida pelo decreto de 30 de maio de 1834, do qual não houve para o paiz, na apreciação justa de Jose Caldas, «nem honra nem proveito».

Algum proveito pois, por honra sua, poude obter o celebre secretario das côrtes de 1820!

Porto.

Pedro VITORINO.

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usam teem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos
Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doencas de couro cabelludo em todas as idades e em todos os casos.

TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radical e inofensivo

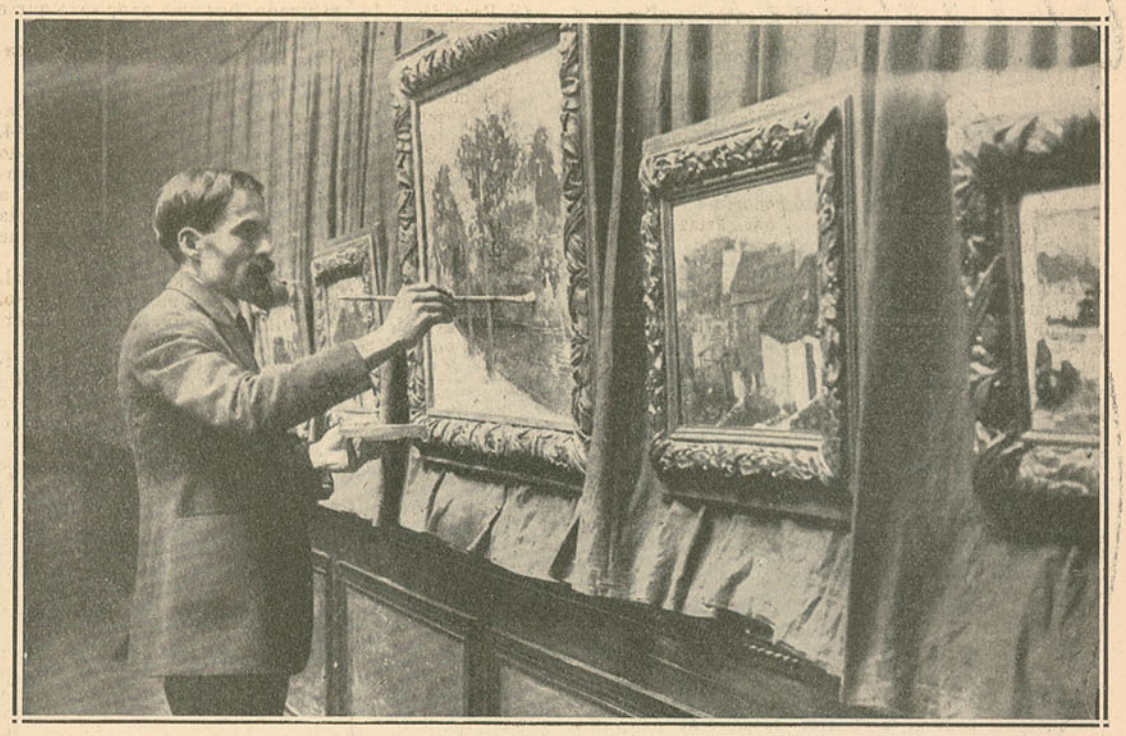
O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23 Telefone 3614-N.

EXPOSIÇÕES DE ARTE



O pintor Armando de Lucena e um aspecto da sua interessante exposição de quadros, inaugurada no dia 7 do mez findo, no Salão Bobone

Os alunos da Escola de Belas Artes, que apresentam trabalhos na Exposição inaugurada no dia 30 do mez findo, na séde da Sociedade Nacional de Belas Artes.—Da esquerda para a direita: (sentados) *Alberto Capucho, José Tagarro e Pedro Jorge Pinto;* (de pé) *Corte Real, Alberto Vale, Macario Diniz, D. Carlota Borba, Rogerio Berger, D. Alda Pereira Leite, Veloso Reis, D. Sara Sancha Afonso, Barrios, Henrique de Campos e Eduardo Cunha*

O Grupo "Os Serranos" e os "Sports" de Inverno em Portugal

Trenó deslisando sobre a neve e um lindo trecho da serra já degelada

O Grupo Serranos vendo-se, ao centro, o seu presidente honorario, dr. Magalhães Lima, ladeado pelos srs. Tavares de Melo e Joaquim da Conceição

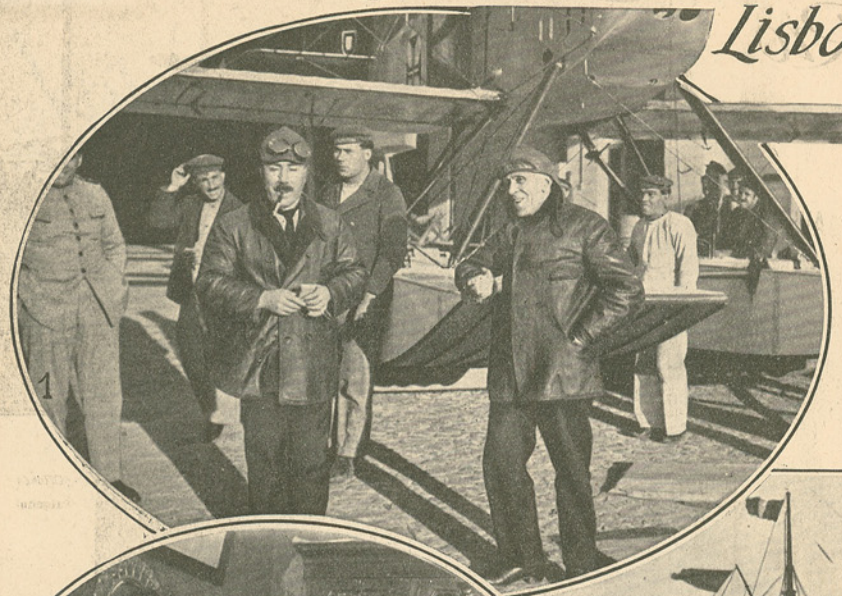
Grupo de Serranos que, acompanhados por algumas senhoras, tomaram parte na inauguração dos sports *de inverno*

Exercicios sportivos *sobre a neve*

(*Clichés* Foto-Belesa, Porto)

Por iniciativa do benemerito Grupo dos Serranos, do Porto, realisou-se, no dia 13 do mez findo, uma interessante excursão á Serra da Estrela e, com a mesma, a inauguração, em Portugal, dos *sports* de inverno. Ao referido Grupo, que tem como presidente honorario o sr. dr. Magalhães Lima, e por missão divulgar e fazer conhecer, aos portugueses, as belezas naturais do nosso paiz, devem-se já muitas outras excursões de propaganda turistica, a ultima das quais, em Julho de 1922, á ilha da Madeira.

O Primeiro Aniversario da Travessia Aerea Lisboa Rio

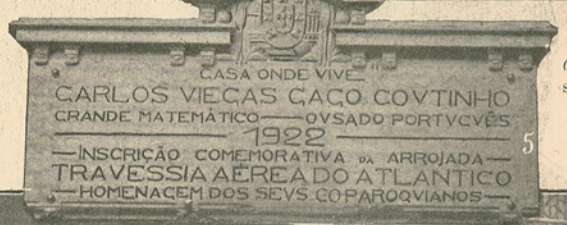


S AVIÕES

A TRAVESSIA

OS FESTEJOS

COMEMORATIVOS



(Clichés Salgado)

1—Sacadura Cabral e Gago Coutinho pouco antes do Lusitania levantar vôo, no dia 30 de março de 1922, junto do primeiro avião em que realisaram a travessia.

2—O segundo avião da travessia a bordo do vapor brasileiro Bagé, que partiu do Tejo em 27 d'abril.

3—O terceiro avião, em que foi completada a travessia, a bordo do Carvalho Araujo, saído do Tejo em 25 de maio.

4—A comissão de moradores do bairro da Esperança que promoveu as brilhantes festas realisadas no mesmo bairro, em honra de Gago Coutinho e comemorativas da travessia, em casa do referido aviador, a quem entregou, no dia 30 do mez findo, uma mensagem de saudação, encerrada n'uma preciosa pasta de coiro da Russia.

5—A lapide mandada colocar, pelos co-paroquianos de Gago Coutinho, na casa da sua residencia, na rua da Esperança.

6—Aspecto da ceremonia do descerramento da referida lapide, realisada com grande solemnidade no dia 1 do corrente.

"Estrelas" e "Azes" do Cinema

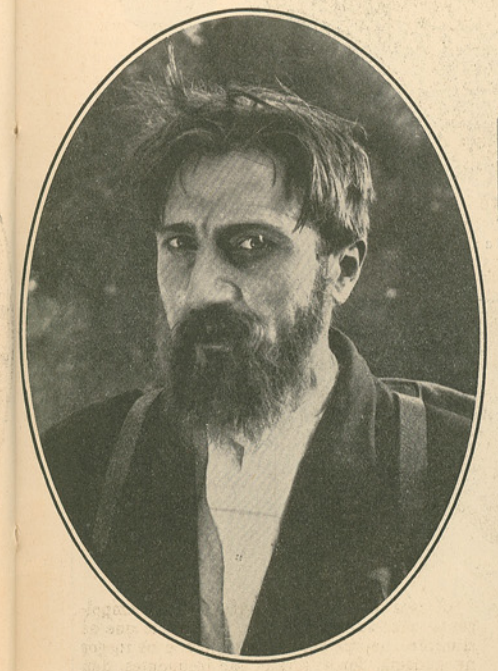
Helène Darly, a formosa estrela do écran, que conta no film A casa do misterio uma das suas melhores creações

O «Seculo», que escolhe sempre os seus folhetins de molde a interessarem não só todo o publico da capital, como ainda o de todo o paiz, começou, no passado dia 1, a publicação do curioso romance de aventuras «A casa do misterio», uma das melhores obras do conhecido escritor Jules Mary.

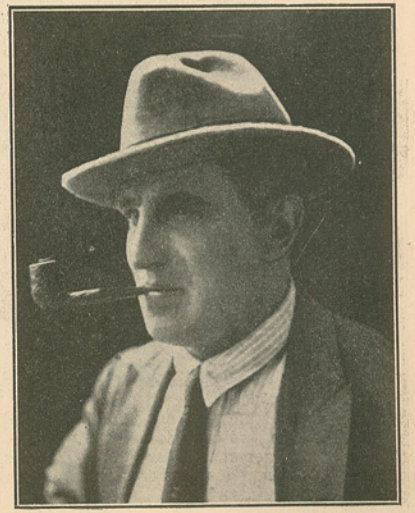
«A casa do misterio», é uma historia empolgante que, devido ao seu entrecho, em que as situações imprevistas se sucedem e os rasgos de audacia, força e valor são frequentes, deu motivo ao magnifico «film», que a empreza do Cinema Condes fará exibir á medida que «O Seculo» publicar o romance.

Teem, assim os leitores de «O Seculo» ocasião de poder apreciar o estilo e poder imaginativo do excelente escritor Jules Mary e admirar o magnifico trabalho de artistas de nomeada, como são: Helena Darly, Francine Mussey, Mosjoukine e Charles Vanel.

Francine Mussey, a outra magnifica interprete da obra de Jules Mary

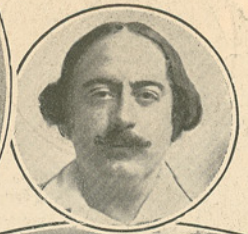


O apreciado actor Mosjoukine numa das scenas da pelicula A casa do misterio



Charles Vanel, o outro artista que muito se salienta no mesmo film

FIGURAS & FACTOS

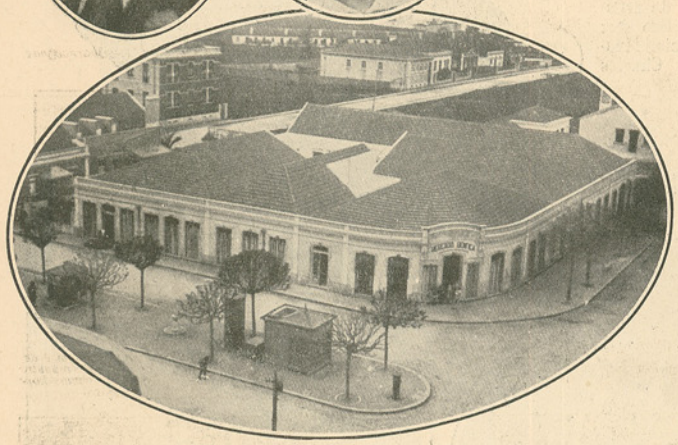


Leão Veloso (Na oval)

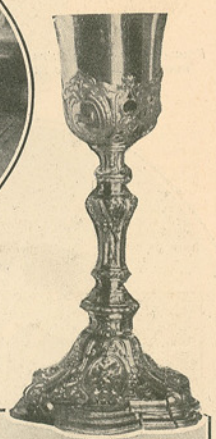
Ilustre jornalista brasileiro que passou ha dias em Lisboa a caminho de Paris, onde vae exercer o cargo de embaixador do Brasil

Eugenio Noel (no medalhão)

Escritor e jornalista e panhol que se encontra ha dias entre nós, tendo realizado no dia 3, no Centro Espanhol, uma interessante conferencia sobre o tema os Valores espirituaes da Espanha actual



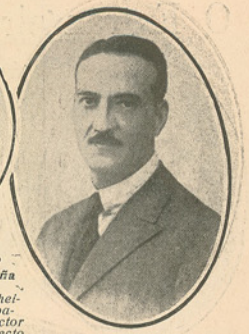
O novo mercado de Bemfica inaugurado, no dia 1 do corrente



O Nuncio Apostolico Mgr. Locateli, cercado pelas damas catolicas do corpo diplomatico que, a proposito da sua elevação á dignidade cardinalicia lhe ofereceram, no dia 2 do corrente, um calix artistico (de que tambem damos a gravura) acompanhado de uma mensagem

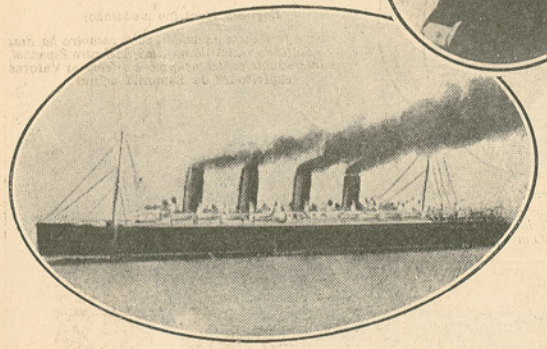
Dr. Caetano Tavares Afonso e Cunha

Oficial do registo civil de Estarreja, falecido no dia 25 do mez findo em Pardilhó



Afonso Peña

Engenheiro espanhol auctor do projecto da ponte sobre o Tejo, que parece vae ser construida

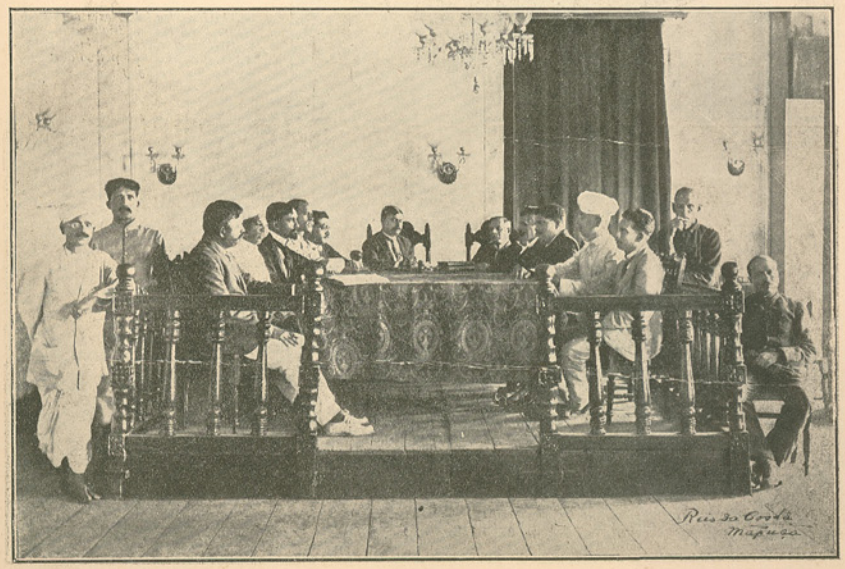


Transatlantico «Mauretania»

Deslocando 66.000 toneladas é este o maior paquete que tem, até agora, ancorado no Tejo. Fel-o no dia 29 do mez findo, transportando a seu bordo grande numero de turistas norte-americanos que, durante dois dias—pois o *Mauretania* levantou ferro em 31 á noite—visitaram a cidade e os seus mais pitorescos arredores. Promovidos pelos agentes da Companhia Cunard Line, a que pertence o paquete, os srs. Garland, Laidley & C.ª, realisaram-se uma visita a bordo, da imprensa, e tambem um banquete para os quaes recebemos amaveis convites que agradecemos.

Antonio Lopes

Cavaleiro tauromaquico, a quem é dedicado o passo dobrado do maestro João P. Mineiro que publicamos hoje na Pagina Musical



A Camara Municipal de Bardez (India Portuguesa) reunida no dia 2 de janeiro do corrente ano, em primeira sessão apoz a da posse

Ao centro: Dr. Cipriano da Cunha Gomes (presidente), tendo, á esquerda: dr. Pascoal João Gomes (administrador do concelho), dr. Pedro Caetano de Souza, Abdon de Souza, Rouli Colopo e Ricardo M. Teles (vereadores) e, á direita: dr. Jaime de Souza, (vice-presidente) José Salvador Couto, dr. Antonio Magalhães, Govinda Porricar (vereadores) e Alexandrino de Souza (secretario)

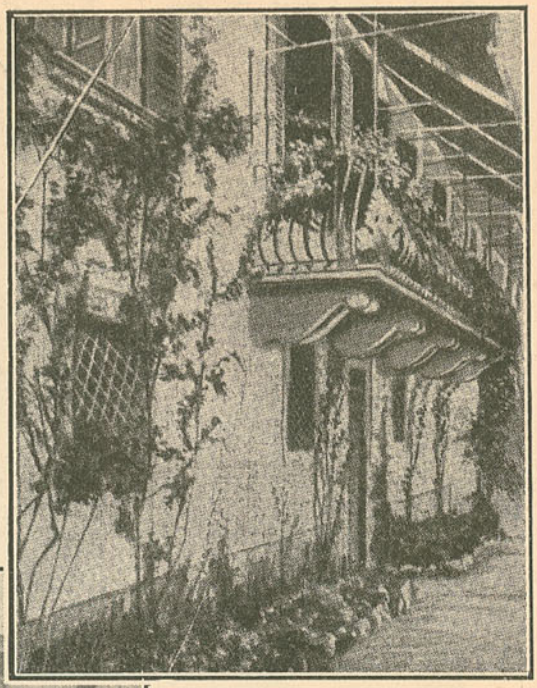
O Extrangeiro em fóco

Rei Fernando, da Romenia

Que acaba de fugir, perante a revolução triumfante, no seu paiz

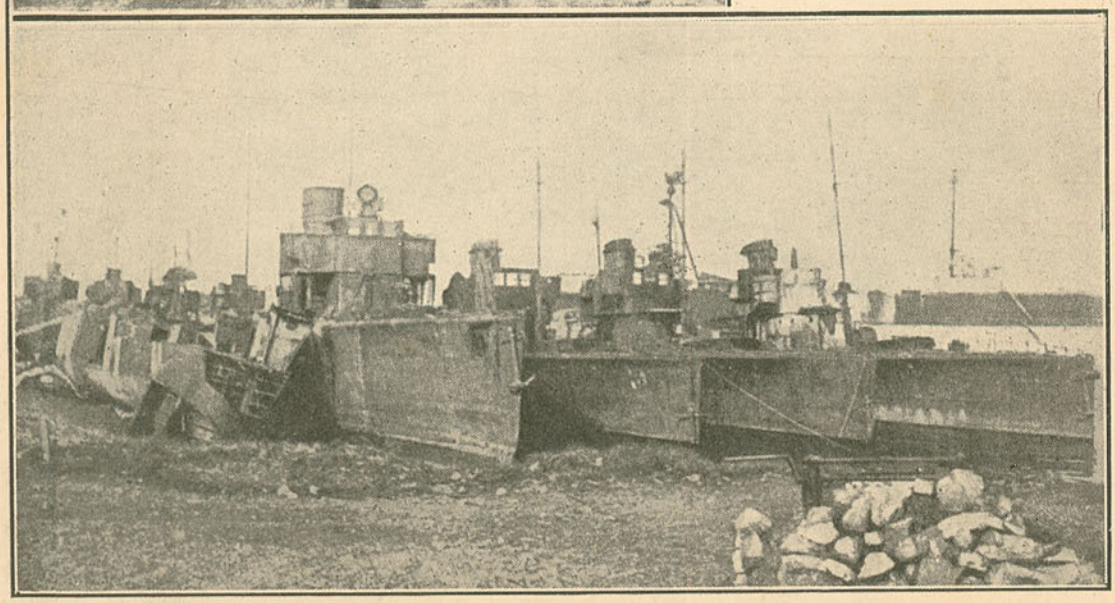
General Maunoury

O vencedor da batalha de Oureq, falecido em Paris, em 28 do mez findo



A «vila» de Gabriel d'Annunzio, em Gardone-Riviera que o poeta acaba de oferecer ao Estado italiano, a fim de ser transformada num museu da expedição a Fiume. Na referida «vila» já d'Annunzio tem acumulados inumeros documentos e recordações desta expedição

Revolucionarios irlandezes capturados em varios pontos de Inglaterra, postos á disposição do Estado Livre da Irlanda, a caminho da prisão de Mountjoy



O que resta, actualmente, dos 70 navios de guerra alemães entregues á Inglaterra em 21 de novembro de 1918, conforme as clausulas do armisticio e recolhidos ao porto de Forth, a fim de ali serem destruidos

Alex. d'Albuquerque

Emilia d'Oliveira

Samwel Diniz

Amelia Bastos

Palmira Bastos
Carlos Santos

A CHAMA, em S. Carlos

UMA tal menina Flora, cantadora, em Paris, de recintos mal frequentados, teve como primeiro amante um *lord*, resultando dessa ligação anglo-franca um menino, que depois veio a ser o empertigado herdeiro dos titulos e haveres de seu pai. Desasete anos esteve Flora fazendo tanto caso do filho como o sr. dr. Afonso Costa faz de nós todos, mas um dia desertou-se lhe a fibra maternal, ou teve, quiçá, a visão dum futuro negro e desconfortavel, pelo que recorre ao *lord*, a reclamar o pimpolho.

Avisa-a o *lord* de que é melhor para mãe e filho não se conhecerem, e nisto tinhamos ficado no 1.º acto de *La flamme*, de Carlos Méré, passado em Londres, quando o autor nos transporta a um *bar* de Paris, onde Flora canta, chora e nos apresenta o seu centesimo amante, pessoa ciumenta e pouco limpa de mãos—por culpa da sociedade, já se deixa vêr.

Ora, quem ha-de procurar Flora no dito *bar*, quando ela já sabe, por intermedio d'um propicio inglês, do falecimento do *lord*? O filho, nem mais nem menos; ou seja, na trasladação da peça para português e para o teatro de S. Carlos, o actor Samwel Diniz, tão proprio para o papel que até escreve o seu nome com *w*: logo, scena de ciumes do amante, quando vê a mãe a conversar com o filho, declaração da maternidade, por parte de Palmira Bastos—que é a supra e já muitas vezes mencionada mãe—e curiosidade do publico para saber como o autor conseguiu descalçar a bota de mais dois atos. E conseguiu, realmente, pondo, no 3.º ato, frente a frente, o amante e o filho de Flora, a puxá-la cada um para seu lado e a colocar a pobre mulher em tais apuros que não tem remedio senão disparar um tiro no dedo mindinho da mão direita do amante, para se vêr livre dêle, e, no 4.º ato, levando mãe e filho para uma estancia suissa, a consideravel altitude, onde logo pelo diabo o rapaz se apaixona por uma francêsa de boas familias, onde a mãe é encontrada por uma colega da vida airada, onde dois hospedes do mesmo hotel passam na ocasião em que Flora beija o filho e, por consequencia, a tomam por amante dêste, onde... Emfim, onde Flora, para que a noiva do filho aceite e pare definitivamente de tocar ao piano a musica do ciume com fortes notas de desespero, decide voltar para a companhia do amante a quem deu o tiro e que em Paris anda saudoso e triste, como perdigão que perdeu a pena.

Presenciados estes molinos casos por alguns centenares de individuos, na noite de 31 do mês passado, e postos ao alcance da nossa limitada compreensão por meio da prosa de José Sarmento, com muito boa vontade de não escandalisar ouvidos burguêses, as opiniões dividiram-se sobre a peça e sobre o desempenho, como tem acontecido com todas as peças e com todos os desempenhos, desde que o homem se lembrou de reproduzir, com mais ou menos verdade, e com mais ou menos arte, o que se dá na vida real. E como de todas essas opiniões não poderiamos dar conta, para que, pela média, o leitor pudesse ajuizar da obra, aqui deixamos consignado o nosso aplauso e a nossa simpatia por Palmira Bastos, Carlos Santos, Henrique d'Albuquerque e Samwel Diniz, n'um pé de igualdade que não representa inteira justiça, mas que não nos apraz desfazer, para estes artistas não se agatanharem uns aos outros— moralmente e disfarçadamente, como pessoas bem educadas, que são.

MARIO COSTA.

O HERDEIRO, no Politcama

O *Herdeiro*, do sr. Carlos Selvagem, de quem é, verdadeiramente, herdeiro é do... Hamlet. A mesma personagem sonhadora, contemplativa, com tinturas de filosofia, a falar só, mesmo quando fala com os outros ou com o *champagne*. E, a respeito de cabeçudo, não toquemos n'isso! A prima casada vê se doida com ele para salvar a integridade conjugal, tanto mais que, teimosa tambem—aquilo é pecha de familia—em dar-lhe conselhos e em pedir-lhe desculpas, parece ter tanto empenho em comprometer-se como tem, de facto, em manter-se imaculada.

O proprio *To be or not to be*, lá está na equivalencia: «viver, ou não viver» e, até o coveiro, tambem filosofo, não falta, se não pessoalmente presente, invocado em termos de denunciar bem o caracter neoshakspereano da peça. Sómente n'ela o protagonista, em logar de se fingir doido para levar a cabo a sua vingança, vinga-se como maluco que é, a valer, por mais que se presuma pessoa de muito sizo.

Não chega a gente a saber se a Ofelia Junior, para o caso a prima solteira, tambem repudiada, como a Ofelia senior, pelo telhudo a quem ama, endoidece, como ela, e se afoga. Parece que sim, em pranto, a fazer fé pelos informes... Mas tambem essa personagem não falta, como não falta a Sombra do Comendador, representada pela velha Mariana, encarregada de contar ao Hamlet-Fernando as miserias da familia. Apenas, mais discreta que o sobredito Comendador, não as conta tambem ao publico com o que, por sinal, deu grande sorte um nosso visinho da 4.ª fila, que aguçava o dente para o escandalo quando o pano desceu, no fim do 2.º acto.

Notar, na peça do sr. Carlos Selvagem, tantas afinidades shakesperianas, não será, só por si, reconhecer-lhe merito? A questão é que, o Carlos Selvagem inglês escreveu, ha mais de tres seculos, a tragedia que o sr. Carlos Selvagem, português, *herdou* agora, sendo melhor de desculpar áquele, por mais consentaneos com os gostos da época, a redundancia, o retorismo, a preocupação literatoria que prejudica um tanto *O Herdeiro*, fazendo com que, principalmente o pobre Ribeiro Lopes, mal possa com o papel e o publico com o pobre Ribeiro Lopes. E, comtudo, o personagem é de todos os tempos. Os herdeiros de Hamlet não faltam, de nossos dias, e a intriga em que este se debate não deixa de ser moderna. Esses herdeiros, porém, pensando tudo quanto *O Herdeiro* diz, repete e repisa, pensam-no para com eles ou declamam-no, quando muito, á familia. Para o publico é demasiado e, d'aqui, perder em verdade, naturalidade, o que ha de verdadeiro e natural na psicologia do personagem.

Além de que o dialogo demasiadamente literario exige, da parte dos interpretes, recursos de dicção que poucos possuem. Para não pesar, na audição, mister se torna ser dito como raros o sabem dizer: por exemplo, essa encantadora comediante que é Amelia Rei Colaço. E mais ninguem, lá em casa, sem desfazer nos colegas da grande artista, pois vem a pelo reconhecer o trabalho notavel que teem alguns, nomeadamente Ribeiro Lopes, Julia Silva e Robles Monteiro, o qual faz a scena do 2.º acto a primor. Por sinal, a melhor do drama e, só por si, de molde a revelar a garra do dramaturgo que já é, sem sombra de favor, o sr. Carlos Selvagem, mas que muito mais será quando se convencer de que, em Teatro, com a sobriedade do estilo só teem a ganhar os autores, os artistas e... o publico.

ZOILO.

A NOVA DANSA DA MODA

Fig. 2

Fig. 1

Fig. 3

Le Fox-Blues, cuja musica para piano publicamos na Pagina Musical do anterior numero da *Ilustração Portvgueza*, é a dansa que actualmente está produzindo enorme furor em Paris, onde alcançou honras de verdadeiro sucesso mundano.

De facto, não ha salão, *club* e até *music-hall* ou *cabaret* onde não seja executada com entusiastico aplauso, com o mesmo aplauso e entusiasmo sendo dansada por toda a parte.

Pois que obedece a uma tecnica especial, pelo menos em alguns dos seus passos, damos, em seguida, a explicação dos referidos passos, que as gravuras acima melhor esclarecerão:

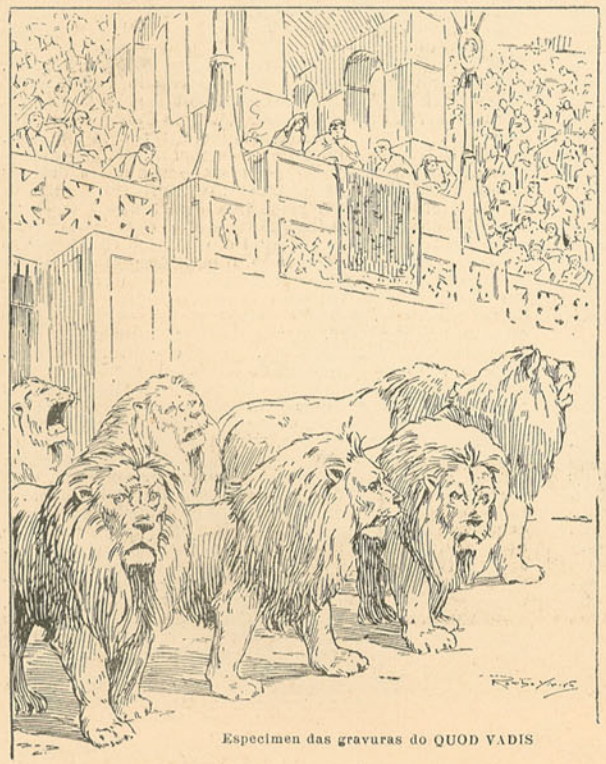
Fig. 1—Representa a marcha, que é feita com passos muito alongados, balouçando o par, ligeira e alternadamente, as ancas, á direita e á esquerda, mas conservando os troncos direitos.

Fig. 2—A volta é executada quebrando, primeiro para a frente e logo depois para traz, de maneira que o par rode sobre umpé, dando um pequeno passo, semelhante ao da valsa

Fig. 3—Para o passo de lado, o cavalheiro e a dama voltam-se no mesmo sentido, e dão um passo nesta direcção, quebrando em seguida

Fig. 4—Dois passos, na posição descrita na primeira figura, para a frente e voltando, um pouco, para a direita, seguidos de três para traz com balanço do corpo. Voltar, depois á direita.

Nota. — Outro passo muito empregado é um em tudo semelhante ao da valsa, que, devido á sua vulgarisação, achamos desnecessario reproduzir.


Especimen das gravuras do QUOD VADIS

Secção Editorial de O SECULO

Colecção de Romances Ilustrados

Volumes publicados:

O ARCO DE SANT'ANA, de Almeida Garrett.
CARMEN, de Prosper Mérimée.
CADEIA DE CRIMES, de Gui Thorne.
O HOMEM DA ORELHA QUEBRADA, de Edmond About
QUOD VADIS? de Henrick Sienkiewicz.

No prelo:

CATOLICOS E HUGONOTOS. de Prosper Mérimée
A RELIGIOSA, de Diderot.
FARRAPO HUMANO, de Gabriel d'Anunzio.
etc., etc.

Cada romance completo ***1 escudo***
Por assinatura: série de 12 romances, ***10 esc.***

A' venda em todas as livrarias e tabacarias de Lisboa e Porto e em casa dos correspondentes de *O Seculo*, na provincia.

Pedidos directos á

Secção Editorial de O SECULO

Rua do Seculo, 43

LISBOA

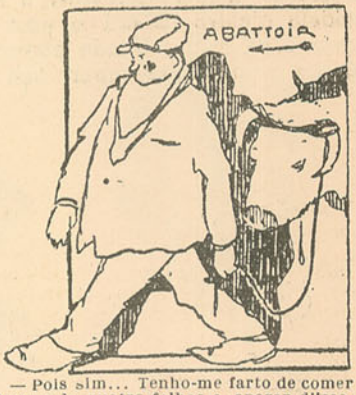
— Muito obrigado por me levarem preso... Assim posso, atravessar a rua, sem correr o risco de ser atropelado...

(De *Le Journal.*)

SEARA ALHEIA

— E' uma estreante... Não vês que não tem sequer uma jóia...

(De *Femina.*)



— Pois sim... Tenho-me farto de comer trevos de quatro folhas e, apezar d'isso, cá vou para o matadouro...

(De *Le Petit Journal.*)

— Que dizes a este meu vinho tinto?...
— Não é mau... Mas agradou-me mais, ha pouco, na salada...

(De *Le Petit Parisien.*)

A DONA DA CASA *(á creada que se ajusta)* — Principalmente ha duas qualidades que eu não dispenso: que sejam obedientes e não mintam...

A CREADA — Como hei de fazer, então, quando tiver de dizer, a alguma visita, que a senhora saiu, estando a senhora em casa?...

(De *London Opinion.*)

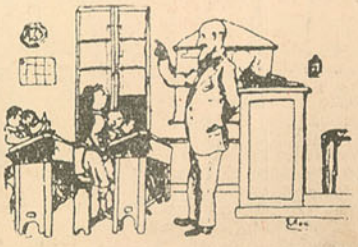
— Emquanto estiver a lêr a noticia desse crime, não lhe posso frisar o cabelo!...

(De *L'Intransigeant.*)

— Encontrei, n'um jornal, a noticia d'um homem que obteve o divorcio por se provar que a mulher lhe revistava os bolsos!

— E que fizeste?

— Cortei-a e meti-a n'uma das minhas algibeiras...



— Abstracto é tudo aquillo que só existe no pensamento. Cite lá um exemplo.

— As reparações alemãs...

(De *Le Matin.*)

A moda e as creanças

VESTIR creanças com criterio, propriedade e elegancia bem compreendida, não é coisa facil a toda a gente.

Em geral, arrastada pelo habito de consultar os figurinos, sempre que se trata de preparar a confecção d'uma «toilette», a mãe escolhe um modelo d'entre as mil e uma fantasias que as revistas da especialidade oferecem ao seu beneplacito, sem se preocupar com dois promenores importantissimos e que consistem em estudar primeiro o tipo de beleza da creança a quem a «toilette» é destinada, e depois em verificar se essa «toilette» oferece todos os requisitos de conforto e higiene de que a graça infantil não prescinde.

Ao tratar-se de vestir creanças, poucas são as mães que resistem á tentação de as cumular de coisas caras e ricas. Os tecidos de seda tentam-nas, as rendas frageis, os laços complicados, os bordados ricos seduzem-nas...

A um «bébé» é tão lindo! Como ficará encantadora vestida com uma sumptuosidade que fará empalidecer de inveja determinadas pessoas...

E tomadas d'um falso orgulho, d'uma vaidade que a sã razão nunca saberá fustigar bastante, envolvem as pobres pequeninas bonecas nastaes sedas e rendas caras, dispostas com pasmosa habilidade decorativa e complicados artificios de forma, impondo-lhes «ipso facto» a condição de «estarem muiquietinhas para não amarrotarem o vestido!...»

Vestido em foulard de fantasia e sarja de lã

Vestido em voile de lã. Cinto de rosas de seda

Vestido de organdi e bordados

Vestido em crepe da China

Pobres creanças, que martirio de imobilisação, que tortura de contrariedade e constrangimento lhes impõe o amor maternal, na cegueira de lhes procurar maior esplendor para a sua radiosa beleza infantil!

E, afinal, que lamentavel resultado se colhe de tão errada maneira de compreender a elegancia dos pequeninos!

A creança, encolhida, contrafeita, aborrecida por se vê privada da liberdade de dar expansão á sua alegria, á vivacidade que é, afinal, o seu mais belo encanto, perde muito da graça habitual, apaga-se a um canto, sobre uma cadeira, sem saber onde colocar as mãos, sem se atrever a um movimento expontaneo, suspirando n'uma bem compreensivel impaciencia pela hora de libertação em que se despojará do seu instrumento do martirio, o lindo e rico vestido de seda que custou á solicitude materna tantas preocupações e... tanto dinheiro...

Vestido em sarja escura e voile plissado

Vestido em crepe de algodão listado

Fatinho de sarja. Blusa de pongée

Não, mães zelozas da beleza dos vossos filhos, não encareis a elegancia dos pequeninos pela mesma forma porque encaraes a que vos diz respeito pessoalmente.

A primeira condição para que a graça infantil resalte em toda a plenide da sua fascinação, é ser combinada com a simplicidade e com a singeleza.

Um vestido de linhas simples, disposto de maneira a não tomar formas caricatas com os movimentos, que permita á creança correr livremente, composto n'um tecido d'algodão ou de lã, fino, em côr clara e seiva, quando não se prefira em branco, guarnecido com sobrio sentimento artistico, alinda muito mais uma creança do que um vestido de seda recamado de rendas ou de bordados, como tantos modelos que se nos deparam nas paginas dos figurinos, que são, sem duvida, muito bonitos ali desenhados, mas que, realisados, são, praticamente, os mais desoladores resultados, quer sob o ponto de vista do efeito a obter, quer pelo que toca ás leis da estetica e da sã higiene que para os pequeninos são da mais indeclinavel importancia.

Acreditae, mães estremosas, que vos extasiaes enternecidamente ante a formosura das vossas adoradas filhinhas: quanto mais simplesmente as vestirem, tanto mais o seu encanto resaltará em toda a plenitude da sua graça viva e expontanea.

De resto, a moda em rigor não favorece as complicações de «toilette» não só para creanças, como mesmo para as senhoras. Todo o chic, toda a distinção d'uma «silhouette«, consiste na sobriedade, no bem traçado das linhas e na feliz escolha dos tecidos e das côres. A riqueza da «toilette», ficou exclusivamente reservada para a «coquetterie» das mamãs; os pequeninos vestem-se com a maxima singeleza e propriedade, escolhendo-se para eles, de preferencia, tecidos que suportem lavagens repetidas e modelos que permitam facilmente a passagem com o ferro quente.

E aqu tem as mamãs alguns sensatos conselhos que vale a pena guardar;

AGARENA DS LEÃO.

AQUI SE DIRÁ DOS LIVROS CUJOS AUTORES, ENVIANDO-OS À BIBLIOTECA DA *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA*, MANIFESTEM O DESEJO DE SER FALADOS

ONDE SE CONVERSARÁ COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TUDO E O MAIS QUE OCORRER.

SONETOS DE AMOR, por Eugenio Vieira

Setenta e seis sonetos enfeixou Eugenio Vieira neste volume, em que mostra ser tão bom poeta como prosador que já firmou brilhantemente os seus creditos. Eugenio Vieira, pelo visto, não se deixou seduzir pelos modernismos, pelas inovações, pelos caprichos que assinalam muitos dos jovens literatos das ultimas camadas. Nos seus sonetos conserva-se fiel ás antigas e sempre novas formulas, que denominamos petrarquianas ou camoneanas, se quizerem. E, dentro de tais moldes, abundam as formosuras e as graças no volume que temos presente. Se nem todos os sonetos são obras-primas, alguns possuem um impecavel recorte e acusam uma excelsa inspiração. Eugenio Vieira é, sem favor, um artista cheio de talento e de probidade.

Eugenio Vieira

CAMILO, FIALHO e EÇA, por Nuno Cardoso

O sr. Nuno Catarino Cardoso é um paciente investigador, a quem se devem alguns volumes de antologia portuguêsa e brasileira, organisados com criterio e enriquecidos de notas. Em *Camilo, Fialho e Eça* estudam-se, sinteticamente, «á vida, o moral e o fisico, o estilo e a linguagem» dos tres celebres escritores. De cada um deles se apresentam vocabularios que compreendem muitas palavras não registadas nos dicionarios da lingua portuguêsa». O curioso trabalho é completado com informações bibliograficas. Sabido como Camilo, Fialho e Eça contam inumeros admiradores, facil se torna prevêr um exito ao pequeno volume do sr. Nuno Catarino Cardoso. A edição pertence á livraria *Portugal a*, da rua do Carmo.

Nuno Catarino Cardo o

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO, por Antonio Ferrão

O distinto academico sr. dr. Antonio Ferrão trouxe a lume o discurso que proferiu na Academia das Sciencias quando, em sessão da classe de letras, se prestou homenagem á memoria de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Ao discurso juntou agora algumas anotações, que justificam mais amplamente o texto. Com erudição e com respeitoso carinho, o sr. dr. Antonio Ferrão estuda a obra educativa, critica e historiografica de D. Maria Amalia; reune varios dados bio-bibliograficos, analisa as idéas politicas, sociais e religiosas da fecunda escritora, recorda a sua confiança no futuro de Portugal, o seu patriotismo e a sua concepção de democracia, numa palavra traçou o perfil intelectual da ilustre mulher de letras por uma forma que se impõe aos mais exigentes.

A. de A.

JOSÉ DO EGITO — De facto, o seu conto é fraco, como entrecho, e não se impõe tão pouco pela forma, pois abundam nele os logares comuns, as repetições de vocabulos, etc. Quer isto dizer que não possa fazer melhor? De maneira alguma. Estamos convencidos do contrario e tanto assim que o aconselhamos a estudar melhor o que escreve e mandá-lo para cá depois.

«SANTOS (PRECE)» — O seu sonetoé muito mau. Desculpe a franqueza.

«ADIVINHANDO» — Cá tem 7 valores.

E. A. P. (INEDITO) — Não nos agradou completamente a sua Pascoa, pelas reticencias e pelo ultimo verso. Faça outra.

J. M. CARVALHO — Tem de aprender ortografia, entre outras coisas. Comece pela redondilha.

A. de F. C. — O ultimo verso da composição a que chama «Soneto de 12 silabas»

Em busca do amor, nos braços do prazer

é um fecho francamente mau, depois de 11 versos a mais Na de 10 silabas ha os seguintes, tambem maus:

Tinham a lava do ignifero vulcão
Que lentamente o calor foi perdendo.
.....
Mas que enganados vão sempre perdendo.

As quadras são regulares, em geral, e uma das Voltas do Vilancete que oferece á actriz Amelia Colaço, é boa. Ela atravat, com a nossa aprovação:

Senhora dos meus cuidados,
A quem devo a minha dôr,
Por vós padeço d'amor
E trago os olhos cançados.
Mas os vossos, de veludo,
Se acaso em mim os fitaes
Parecem dizer em tudo
Que por amor me mataes.

«A MARSELHEZA»

No proximo numero, a *Ilustração Portuguesa* publicará, na sua «Pagina Musical», o hino nacional francez (musica para piano e letra).

CORREGENDA

O anterior numero da *Ilustração* vem uma lastima, sob o ponto de vista da revisão. Ao ilustre pintor Alves Cardoso, chamou o compositor, e o revisor achou que estava bem, Alves Coelho, e, devido á mesma colaboração lastimavel, entre inumeras outras gralhas, saiu completamente deformado o segundo verso de Regnard, citado na secção *O Lar*, verso que é

Qui coutat peu d'argent et qui parut nouveau ..

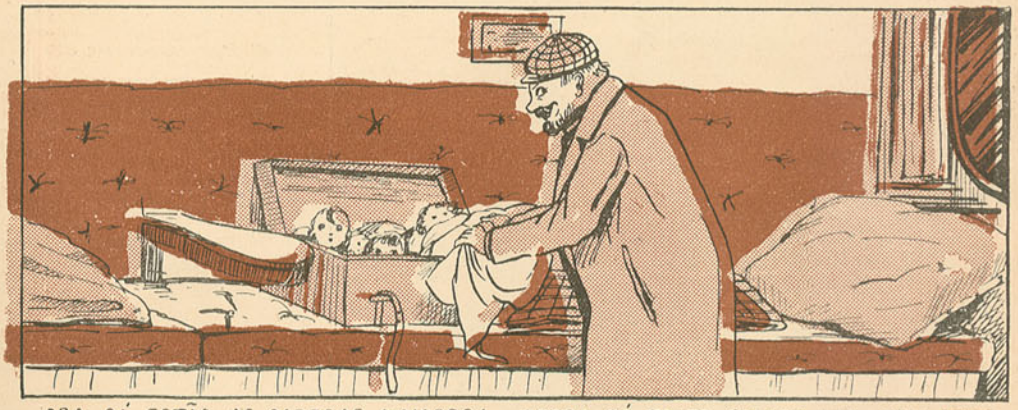
e não aquilo que se publicou.

Renovamos as nossas desculpas aos leitores, tendo tomado as possiveis providencias para evitar que tais falhas se repitam.

O NEGOCIANTE DE BONECAS MANHOSO

NÃO TE ESQUEÇAS, VICENTE, DE QUÉ N'ESTA MALA VÃO AS CABEÇAS MAIORES...

VAMOS LÁ PREPARAR TUDO ANTES QUE VENHA ALGUM PASSAGEIRO.



ORA CÁ ESTÃO AS CABEÇAS MAIORES!... AGORA SÓ FALTA COLOCA-LAS COM ARTE PARA QUE EU PASSE A NOITE O MELHOR POSSIVEL.

PROCURE OUTRA CARRUAGEM, SENHOR!... COM ESTAS CRIANÇAS TODAS NÃO PODE VIAJAR N'ESTA COM SOCEGO.

ESFINGIA

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Canôa.
Charadas em verso: Belona—Canabras—Floresta—Quasi.
Enigma pitoresco: Amôr, com amor se paga.
Charadas em frase: Salpicóla—Noemia—Penafiel.
Logogrifo: Imortais felicidades.

*

ENIGMA

Enigma pará os novatos,
Feito para toda a gente;
Este, basta olhar p'ra ele,
P'ra sêr morto de repente.

E' um ser mui conhecido,
De formato algo biforme,
Mas, quasi sempre é redondo,
E o tamanho é grande, enorme.

Mal vae p'ra o que o não vê,
Peor p'ra quem o não sente,
Se uns lhe tiram proveitos,
D'ele foge muita gente.

Dizem uns: é musical,
Dizem outros: *adjetivo*...
Mas, a maior parte diz,
Que deve ser substantivo

A sua palavra tem
Poucas letras, desiguaes,
Sendo algumas, consoantes...
E' só isto e nada mais.

Pinta scenas

*

CHARADAS EM VERSO

Honi soit qui mal y pense...

Fiz quarto de sentinela
Esperando a caixeirinha
Que me inspira esta loquela
Fui até á casa dela,
Que á loja fica visinha.

Com surpreza arripiada
Reparei, não sem quizilia,
Que a pequena era esperada
A' porta, semi-cerrada,
Por toda a sua familia.

Era vê-la, bem escoltada,
Talvez mêdo dos ladrões,
Que na Lisbia depravada
Andam sempre na caçada
Dos ingénuos corações.

Fui seguindo, mas ao lado,—1
Té que entrou num casarão,—1
Onde um pobre desgraçado,
Martelava, com enfado,
Sobre as taboas dum caixão!!...

E vive aquela breieira
Naquele antro funerario...
Dava a minha vida inteira,
Para a vêr numa trapeira
A tratar do seu canario.

Neste mundo sonhador,
Cada qual tem sua sôrte...
E assim, num sonho d'amor,
Médra e vive aquela flôr,
Entre roupagens da morte!

Marcelo Monfort

*

Não sou grande enigmatista,
Mas, deste assunto em questão,
Muito tenho decifrado,
Desde tempos que lá vão—1

O que nunca conquistei,
—Que vergonha para mim!—
Foi a *mêta;* sempre esbarro,
Com as ultimas do fim...—2

Queria dar minha estreia
No quadro da Ilustração,
E depois ir produzindo,
Té chegar a campeão.

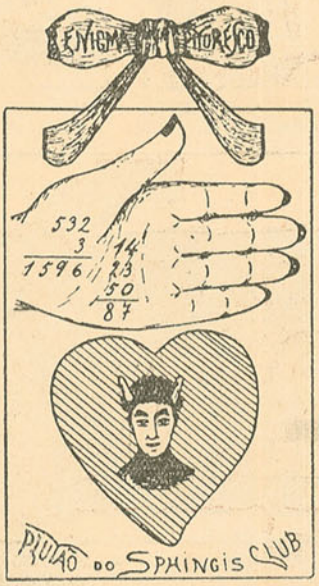
Como tal não consegui,
—Tenho pena, enfim, confesso,—1
Por esta simples charada,
A colaborar começo.

Cá vou fazendo o que posso,
E qual menino nascido,
Cumprimenta os grandes mestres
O novato aparecido.

Setubal

Um Velho-novo...

*



*

QUADRO DE HONRA

S. Palo—Violeta—Do 16—Trigo—Josol cos—M Relvas—Dr. Salolo—Ti Ald na—Do 14—Jogovl—Dama ocu ta—Sant'Ana—Ferraz Ferrão, & Ferreira—C. L. Niza—Club do Silencio—Vila Verde—Rosado & Torquato—Allimeister—Capristano—Gioconda—Tiduj Pinta scenas—Kruz

Campeões decifradores do penultimo numero.

CHARADAS EM FRASE

Comprei este fruto na cidade e fui comêl-o a esta povoação portugueza—2—2.

Vendas Novas

Careca

*

E' duro, n'um instante, contrair uma divida...—2—1.

Leiria

Florido

*

Esta ave oferece um belo alimento—2—1.

Dois boxeurs

*

LOGOGRIFO

Amor é um fogo que arde sem se ver;
—9—16—19—21—6—27
E' *ferida* que doe e não se sente;—21—26—15—3—17
E' um contentamento *descontente;*—22—16—20—24—6—12
E' dor que desatina sem *doer;*—6—14—23—20—15—10—6—1—8—17

E' um não querer mais que *bem* querer;—11—14—25—19—16—24—21—1—7
E, solitario *andar* por entre a gente;—13—5—23—21—26—9—4
E' um não contentar-se de *contente;*—22—20—14—3—23—19
E' um cuidar que se *ganha* em se perder;—18—4—2—21—19

E' um estar-se preso por vontade;
E' servir a quem vence o vencedor;
E' um ter, com quem nos mata lealdade

Mas, como causar pode o seu pavor
nos mortais corações conformidade,
sendo a si tão contrario o mesmo Amor?

Baal (do «Sphingis Clubs»)

*

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portugueza* as decifrações das producções insertas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar producções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias após a saida d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocio.

—Todas as producções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originaes quer sejam ou não publicados, não se restituem.